

Reflexões sobre a Escola do Caboclo Mirim

© 2015 – Sérgio Navarro
Reflexões sobre a Escola
do Caboclo Mirim

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 - Vila Teixeira Marques
CEP 13480-970 – Limeira – SP
Fone/Fax: 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
ventas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Revisão e preparação: Sueli Cardoso de Araújo
Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Ednum Lopis

ISBN 978-85-7618-357-0

1ª Edição – 2015

• Impresso no Brasil • Presita en Brazilo

Produzido no departamento gráfico da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
conhecimento@edconhecimento.com.br

Editado conforme o
Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Navarro, Sérgio
Reflexões sobre a Escola do Caboclo Mirim / Sérgio
Navarro — Limeira, SP : Editora do Conhecimento,
2015.
288 p. : il.

ISBN 978-85-7618-357-0

1. Umbanda - História 2. Orixás 3. Ocultismo I. Título

15-1227

CDD – 299.672

Índices para catálogo sistemático:
1. Umbanda - História

Sérgio Navarro

Reflexões sobre a Escola do Caboclo Mirim

1ª edição
2015



Sumário

Prefácio.....	7
Apresentação.....	9
Um pouco de Benjamin, o médium	13
Noções de ciências ocultas.....	41
Os sete “princípios herméticos”	51
Os quatro elementos.....	66
Astrologia.....	73
Arquétipos psicológicos & “orixá de cabeça”.....	89
Árvore da vida: a influência da cabala.....	94
O triângulo da vida	112
Os sete raios	117
O setenário sagrado na umbanda	156
Xangô-Kaô: “o divino intermediário”	169
Yofá.....	176
O Médium Supremo	183
Alquimia & psicologia	194
A escola iniciática.....	211
O templo da nossa escola.....	242
Analisando a gira	257
Considerações finais	283
Referências bibliográficas	285

Prefácio

Temos em mãos *Umbanda: Reflexões sobre a Escola de Caboclo Mirim*, livro sobre o Caboclo Mirim e seu médium Benjamin Figueiredo. Saber mais sobre esse médium e seu mentor é uma forma de conhecer mais sobre nós mesmos e a história da Umbanda, como ela se desenvolve, amolda e adapta segundo diferentes visões de mundo.

Este livro é como uma “pedra filosofal”, um “elixir de Umbanda”. É o resultado de uma pedra bruta que durante anos foi lapidada por nosso irmão Sérgio Navarro, e agora temos a oportunidade de receber o diamante pronto, sem ter noção da profundidade a que esse “garimpeiro” foi para resgatá-lo e apresentar a um público ávido por informação, que vem para somar à nossa “Arte Real”.

Esse material vai além de todos os estudos históricos já publicados até esta data sobre Benjamin Figueiredo, Caboclo Mirim, Tenda Espírita Mirim e Primado de Umbanda. Nosso irmão teve acesso a informações relevantes e desconhecidas à maioria de nós sobre questões que ainda hoje influenciam os rumos da Umbanda.

Benjamin Figueiredo, embora de origem espírita, foi preparado para a Umbanda por Zélio de Moraes, o “Pai da Umbanda”. Atuaram juntos, até que foi emancipado e reconhecido médium pronto para assumir sua missão de dirigente espiritual, sacerdote de Umbanda. Benjamin, de posse do próprio destino em meio à Umbanda, assume um estudo de profundidade única frente ao esoterismo e ao ocultismo de sua época. Ele trouxe para a Umbanda, de forma inegável, o amor ao estudo e o aprofundamento nos fundamentos universais que podem ser reco-

nhecidos em diversas religiões e filosofias, os quais se amoldam perfeitamente em sua visão de Umbanda.

Apresentar a visão de Benjamin e Caboclo Mirim já seria uma tarefa grandiosa. No entanto, temos aqui valiosas informações sobre a cultura e o contexto em que se insere a imensa obra desse médium visionário e revolucionário, incomparável até os nossos dias. Para escrever com propriedade sobre esse universo, é necessário conhecê-lo com profundidade, e, nesse aspecto, nosso amigo e autor se mostra um verdadeiro mestre a nos conduzir por caminhos que fazem parte da senda da iniciação a tais arcanos superiores.

A história de Benjamin é fantástica e incrível do ponto de vista de suas revelações e conquistas; sua filosofia é encantadora; sua visão da Umbanda é um refrigerio para a alma; a grandiosidade da concretização material de um sonho de Umbanda está acima de tudo que já pudemos ver antes e depois em nosso seio.

Ao leitor, sugiro que aprecie sem moderação. Delicie-se com este diamante da literatura umbandista e, por favor, perceba o quanto é precioso ter acesso a todas essas informações e o valor do estudo e da literatura em nossa religião.

Aos novos umbandistas, que não tiveram contato com a obra de Caboclo Mirim, esvaziem-se de conceitos preestabelecidos e se permitam ver a Umbanda por outros olhos.

Aos mais velhos, que tiveram o privilégio de conviver ou conhecer essa obra, compartilhem a alegria de levar a todos mais um pouco daquilo que para muitos ainda está velado e oculto. Este é o tempo da revelação. Umbanda não tem segredos, mas tem fundamentos e é preciso conhecê-los, estudá-los.

Benjamin Figueiredo é um exemplo de estudo e prática da Umbanda e de sua verdade. Sérgio Navarro, um exemplo de discípulo, umbandista, médium, sacerdote, pesquisador, historiador e autor de uma das obras mais lindas que tive o privilégio de ler em primeira mão. Sou muito grato por nossa amizade e oportunidade de compartilhar desse saber.

Que Oxalá nos abençoe sempre!

Alexandre Cumino¹

¹ Alexandre Cumino é sacerdote de Umbanda, responsável pelo Colégio de Umbanda Sagrada Pena Branca, editor do *Jornal de Umbanda Sagrada*, ministrante de cursos presenciais e virtuais de Umbanda e autor de alguns títulos sobre a Umbanda.

Apresentação

Nada é tão escondido que não possa ser revelado através de seu fruto. (PARACELSO)

Mas nada há encoberto que não haja de ser descoberto; nem oculto que não haja de ser conhecido. (LUCAS, 12:2)

Não poderia iniciar este livro sem pedir a bênção dos morubixabas de todos os tempos, os verdadeiros condutores da Umbanda e de nossa gente de fé: iluminai nossos caminhos!

Peço licença também aos mais antigos, umbandistas de coração, que perfilaram junto a Benjamin Figueiredo na missão de fazer viva a Escola trazida por Caboclo Mirim. Seus exemplos na vida e conduta diante de sua comunidade nos permitiram chegar até aqui, orgulhosos de fazer parte dessa família quase secular.

Este pequeno aprendiz nunca se imaginou diante do desafio de escrever as linhas que agora compartilho com meus irmãos de fé. As ordens que recebi do astral foram claras: vá às origens, lá nos anos de 1940, 50 e 60, quando se consolidaram os fundamentos e a liturgia da Escola de Mirim. O presente trabalho é fruto de mais de três anos de pesquisas e entrevistas e, principalmente, de constante orientação espiritual! Não sou médium psicógrafo, portanto, precisei interpretar com minhas próprias palavras as visões e os ensinamentos que recebia pela vibração dos morubixabas, para que se tornassem acessíveis a

todos, por meio de uma linguagem o mais coloquial possível. Mesmo tendo formação ocultista desde a adolescência (cedo minha mãe me apresentou às obras da Filosofia Rosacruz, da Teosofia de Madame Blavastsky etc.), deparei-me, inúmeras vezes, com determinações que me colocaram diante de temas realmente difíceis, que me exigiram bastante tempo para assimilar. Foi uma experiência única, pois, a cada descoberta, as peças de um enorme quebra-cabeça iam se juntando e, com isso, a vontade de gritar ao mundo a admiração por Mestre Mirim mal cabia no peito!

Mas, após algum tempo escrevendo, deparei-me com um dilema: nesse ambiente de iniciações e segredos esotéricos, seria correto compartilhar essa experiência com o público? Não seria esta uma jornada individual, a ser experimentada por cada um, em seu devido tempo? Seria da vontade de Caboclo Mirim?

Aguardei três anos pela resposta. Sim, é chegada a hora. Mas deixo claro que este livro não é um “manual de instruções” ou um “livro de autoajuda”! Apenas revê o que Caboclo Mirim nos ensinou há mais de sessenta anos, por intermédio de sua obra, onde não havia uma doutrinação sistemática nem qualquer “lavagem cerebral” sobre seus filhos de fé. Mirim nos apontava para a direção segura, para o Oriente, onde nos paramos em nossas tendas com o Médiun Supremo na imagem de Jesus, a representar o Senhor do Mundo, Cristo-Oxalá, “o caminho, a verdade e a vida”.

Urge que as novas gerações de sacerdotes transmitam aos mais novos, com maturidade e segurança, os ecos de um passado pautado por ética e comprometimento diante do sagrado; quando os dirigentes tinham consciência de sua responsabilidade em promover o crescimento do ser humano, semear a paz e a fraternidade junto aos seus irmãos de Tenda.

Há quase trinta anos, Benjamin fez sua passagem para o plano espiritual e, sem sua referência, somada a um punhado de “maus exemplos”, a Escola da Vida vem se tornando apenas uma bonita expressão postada no *Facebook*. Toda a filosofia que permeava os seus rituais, carregados de significados sagrados, está se perdendo junto às novas gerações, que, sem respostas e inseguras, vão até os cultos de raiz africana para tentar

encontrar as chaves perdidas.

Não podemos e não desmerecemos a religiosidade ancestral do negro, hoje um dos principais pilares da cultura e da fé do nosso povo. Mas Caboclo Mirim ensinou que Umbanda é muito mais do que um culto afro-brasileiro, e que enquadrá-la como “culto afro” é segmentar nossa religião, já que, para Mirim, a Umbanda é universal, transcendendo nosso país, um povo ou uma raça! Claro que a magia e a força da raiz africana estão na Umbanda, pois constituem seus alicerces, mas não nos esqueçamos de que nossa corrente astral é fraternal, pois abriga diversas falanges de trabalho unidas em prol do crescimento da humanidade terrestre, sob a luz e orientação de Cristo-Oxalá. Então, mais do que umbandista, Benjamin foi um espiritualista que alimentou sua alma estudando vários aspectos e manifestações religiosas da humanidade, em um caminho que nos leva inevitavelmente ao aprofundamento nas ciências ocultas ou esotéricas, presentes nas mais antigas tradições religiosas da humanidade, inclusive a africana.

A Umbanda é outra face desse grande universo de saber ancestral. É de conhecimento geral que os verdadeiros guias espirituais de nossa fé, sejam caboclos, pretos-velhos, crianças etc. são avatares de outros tempos, que nos irradiam hoje a força evolutiva do Criador. Estiveram operando em outras culturas e outras escolas e há mais de cem anos vêm à Umbanda nos ensinar a caminhar. Por isso, é natural que observemos os fundamentos universais deixados pelos mestres de eras imemoriais, visando a trazer clareza às práticas mágicas em nossos terreiros. Vamos abordar um pouquinho de várias ciências antigas, pois todas são elos de uma mesma corrente.

Para seguir os passos de Benjamin e de seus contemporâneos, será preciso tempo e perseverança, a fim de nos desvincular da atual cultura cartesiana à qual estamos acostumados, que, apressadamente, rotula e compartimenta o conhecimento e o coloca em espaços distintos. Os antigos sacerdotes sabiam que todas as manifestações do saber se complementam, pois são parte do todo.

Boa leitura e boa viagem, querido irmão de fé!

Não tenha pressa; afinal, a última página não revela qualquer

segredo milenar. Caminhe em seu próprio ritmo, questionando o que lê e se lembrando das emoções vividas no terreiro. Serão os seus guias espirituais que lhe trarão as respostas, não eu.

Mestre Mirim nos indicou o caminho... Viva a Umbanda, intensamente!

Saravá!

Sergio Navarro Teixeira
CCT Fraternidade Umbandista Luz de Aruanda
Barra Mansa (RJ)
Contatos: alunodemirim@gmail.com

Um pouco de Benjamin, o médium

Os primeiros passos da Umbanda

Benjamin Gonçalves Figueiredo nasceu em 26 de dezembro de 1902, no antigo estado da Guanabara (atual cidade do Rio de Janeiro), então capital federal. Cresceu em um período efervescente, no início de um novo século, em um Brasil cuja República havia pouco mais de dez anos, e a sociedade vivia profundas transformações, ainda em busca de sua personalidade, de sua “brasilidade”. Os artistas dessas primeiras décadas, por exemplo, revolucionaram a estética e a linguagem ao lançar a Semana de Arte Moderna de 1922. Alguns anos depois, esse sentimento nacionalista viria também a se manifestar na política, com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, já na década de 1930, decretando o fim da hegemonia da elite agrária pela implantação do Estado Novo.

A característica mestiça da população começava a ser valorizada, tida como forma de união da nação e, dessa forma, os vários grupos raciais passavam a ganhar igual tratamento na formação da civilização brasileira. Essa ideologia ajudou, inclusive, a reforçar a crença de que o preconceito racial não existia no Brasil. Gilberto Freyre, em seu livro *Casa-grande & senzala* (1933), foi um dos intelectuais que deram suporte a tal tese. Até o samba, manifestação cultural oriunda da cultura negra brasileira, era redescoberto e reformatado, levado a um universo mais amplo: brilhava a estrela de Carmem Miranda!

Nesse contexto, um fato – para aqueles que se propõem a estudar as origens da Umbanda – veio a se consolidar como

marco da religião: a manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas em 1908, através de seu médium Zélio Fernandino de Moraes (1891-1975), na cidade de Niterói, então capital do antigo estado do Rio de Janeiro. A data, 15 de novembro, é a mesma da comemoração da proclamação da República brasileira. Coincidência? Diante de uma respeitada e organizada Federação Espírita Brasileira, Caboclo das Sete Encruzilhadas pôde deixar registrada a definição do novo movimento religioso: “Uma manifestação do espírito para a caridade”. Caridade, a principal lei da Umbanda, religião do amor fraterno em benefício dos irmãos encarnados, qualquer que fosse a cor, a raça, o credo e a condição social.

Sabe-se que aquela não fora a primeira manifestação mediúnica de um espírito com perfil de um índio brasileiro, uma vez que, desde o final do século XIX, há registro dessa presença em pequenos terreiros espalhados à margem da sociedade daqueles dias, as ditas “macumbas cariocas”.

O advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas foi realmente especial por diversos aspectos. No início do século XX, “macumba” podia facilmente definir toda e qualquer relação mediúnica (geralmente promíscua) de curandeiros, pais-de-santo, feiticeiros, charlatões e todo aquele que se dispunha a intervir junto às forças invisíveis do além apenas em troca de dinheiro e poder, como bem descreve Paulo Barreto, em 1904, sob o pseudônimo de João do Rio, em uma série de reportagens para a *Gazeta* intitulada “As religiões do Rio”, posteriormente transformadas em livro:

Vivemos na dependência do Feitiço, dessa caterva de negros e negras, de *babaloxás* e *yauô*, somos nós que lhes asseguramos a existência, com o carinho de um negociante por uma amante atriz. O Feitiço é o nosso vício, o nosso gozo, a degeneração. Exige, damos-lhe; explora, deixamo-nos explorar e, seja ele *maitre-chanteur*, assassino, larápio, fica sempre impune e forte pela vida que lhe empresta o nosso dinheiro.

Percebe-se, assim, a grandeza da missão do Caboclo das

Sete Encruzilhadas como mensageiro das diretrizes das mais altas esferas da Espiritualidade. Sua presença e sua mensagem eram muito claras: uma nova legião de entidades iluminadas trabalharia pela elevação moral e espiritual do nosso povo, sob a inspiração de Cristo-Oxalá. Em pouco tempo, far-se-iam presentes Caboclo Mirim e diversos mentores espirituais, todos imbuídos em propagar a Umbanda pelo Brasil!

A família

Benjamin amadureceu em uma família que praticava o Espiritismo de Kardec. Aliás, nos foi dito que sua avó, D. Eugênia Jacob Gonçalves, teria estado junto daqueles pioneiros na prática do Espiritismo no Brasil, ainda no final do século XIX, o que refletiu na criação de seus filhos e netos dentro de sólidos princípios de fé cristã e de amor ao próximo. A doutrina de Kardec fazia parte da vida de toda a família Figueiredo, pois, além dos pais de Benjamin, D. Judith Gonçalves de Figueiredo e Sr. José Nunes de Figueiredo Filho, participavam das sessões espíritas realizadas na rua Henrique Dias, nº 26 (Estação do Rocha, RJ), seus tios e tias. Foi na mesa espírita na sessão de 12 de março de 1920 que se manifestou, pela primeira vez, Caboclo Mirim junto a Benjamin, arregimentando os seguintes membros da família Figueiredo para organizar e estruturar a chamada “Seara de Mirim”: José Nunes de Figueiredo Filho, Judith Gonçalves Figueiredo, Eugênia Gonçalves Figueiredo, Hercílio Latino Gonçalves, Abgail Maria Gonçalves, Davi Latino Gonçalves, Benjamim Franklin Gonçalves, José Fróes, João da Mota Mesquita Filho e, claro, Benjamin Gonçalves Figueiredo.¹

Como bom capricorniano, Benjamin logo aprendeu a trabalhar em equipe, em um ambiente onde cada um ocupava funções que somavam ao projeto de atendimento fraterno na Tenda, tanto material como espiritual. Se o mentor espiritual da Tenda trabalhava através de Benjamin, a condução material da Tenda Espírita Mirim nas primeiras décadas teve por principais pilares a liderança do pai de Benjamin, o Sr. Figueiredo, e de Eduardo Gonçalves Figueiredo, o irmão mais velho. Ambos

¹ Disponível em: <<http://www.tendaespiritamirim.com.br>>.

foram também grandes oradores, e diz-se que foi inspirada nas preces feitas de improviso pelo Sr. Figueiredo nas sessões de caridade que se chegou à forma final da oração de abertura/encerramento dos trabalhos utilizada até hoje. Os pais de Benjamin estiveram junto da Tenda até o final dos anos de 1950, quando desencarnaram, mas nem a separação física diminuiu a presença e inspiração de seus pais junto de si.

Nos anos de 1930, Benjamin se casou com D. Assunta Paulini, espetacular médium que trabalhava com o Caboclo Curumataí (“Oxóssi assobiou, toda a mata estremeceu...”), que comandava as sessões às quartas-feiras. Tiveram dois filhos: Mirina e Mirim Paulini (o “Mirinzinho”, que conduziu a Tenda Espírita Mirim até agosto de 2015, quando faleceu).

D. Assunta faleceu em 1962. Viúvo por cerca de dez anos, Benjamin acabou por conhecer D. Marlene (médium do Caboclo Jupiraci, que comandou a filial de Parada Angélica). Por esta ser bem mais jovem que ele, e para evitar fofocas, Benjamin, agora primaz do Primado de Umbanda, convocou o Conselho de Morubixabas, a fim de consultar se haveria qualquer impedimento ou constrangimento para os demais comandantes chefes de terreiro (CCTs) se ele se casasse com D. Marlene. Tendo a aprovação de seus pares, o casal constituiu matrimônio no início dos anos de 1970. Dessa união nasceu, em 1973, “Benzinho”, o caçula de Benjamin.

O jovem Benjamin

Aos dezessete anos, Benjamin já participava das sessões espíritas da família Figueiredo. Quando Caboclo Mirim se fez presente em uma sessão no ano de 1920, traçou as diretrizes para que fosse fundada a Tenda Espírita Mirim. Para uma família consolidada no Espiritismo de Kardec, seriam exigidas algumas mudanças e adaptações na liturgia e na condução das sessões, bem como a preparação mediúnica de Benjamin para acompanhar Caboclo Mirim em tamanha responsabilidade.

Desse modo, o jovem Benjamin foi encaminhado para uma tenda dirigida pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, do médium Zélio Fernandino de Moraes. Benjamin Figueiredo esteve jun-

to de Zélio por cerca de quatro anos, quando foi considerado pronto para sua missão junto a Caboclo Mirim.

Em entrevista concedida a João de Oliveira (KRITSKI; GUIMARÃES, 2010), **Zélio Fernandino de Moraes** conta que, ao fim desse período, a entidade orixá Mallet (que trabalhava com Zélio) pegou Benjamin e o carregou nas costas por cerca de meio quilômetro, atirando-o na areia da praia próxima. Ali, evocou curimbas que os presentes não entendiam, enquanto Benjamin, em transe, ia rolando na areia até a beira do mar. Então, o orixá Mallet colocou-o nos ombros e adentrou o mar (e ambos não sabiam nadar), atirando-o nas águas mais fundas. Após o fato, foi dito a Benjamin Figueiredo que ele estava pronto para trabalhar plenamente com Caboclo Mirim.

Na entrevista supramencionada, João de Oliveira relata como Benjamin conheceu outra entidade fundamental em seu desenvolvimento, o querido Pai Roberto. Em meus anos na Tenda Espírita Mirim, ouvi várias vezes esse preto velho nos contar que realmente ele era feiticeiro, até que Caboclo Mirim lhe deu a oportunidade de crescer e evoluir dentro da Umbanda. Segundo João de Oliveira, Benjamin conheceu Pai Roberto quando ainda trabalhava com outro médium no bairro de Alcântara (São Gonçalo, RJ). Lá, o preto velho bebia uísque, fazia e desfazia feitiçarias, jogava até ponteiras de aço em seus trabalhos de magia. Certa vez, Benjamin estava visitando aquele terreiro, quando ouviu de Pai Roberto, incorporado naquele médium, que ele abandonaria o “cavalo” atual e iria passar a trabalhar através da mediunidade de Benjamin, largando, também, os trabalhos de feitiçaria que fazia por meio de seu antigo médium, o que de fato ocorreu. Pai Roberto assumiria, a partir daquele momento, o seu lugar junto a Caboclo Mirim no desenvolvimento da Tenda Espírita Mirim.

A Tenda Espírita Mirim foi fundada em 13 de outubro de 1924, segundo seu estatuto original (cuja ata foi registrada em 18.03.1937, sob nº de ordem 16.576, no Livro C-7 do Cartório do 1º Ofício de Registro de Títulos do Distrito Federal). Vale ressaltar que, nesses tempos, a Umbanda e o Candomblé eram tidos como “charlatanismo” e “feitiçaria” pelas autoridades constituídas, enquanto o espiritismo kardecista já se encontra-

va mais fortalecido e organizado federativamente, o que levava à natural adoção da expressão “espírita” no nome de tendas ou centros de Umbanda que desejassem registro público naquela época. Benjamin Figueiredo se destacou entre os principais expoentes da luta pela legalização da Umbanda junto à nossa sociedade, só obtida no final da década de 1940.

A Umbanda em duas fases distintas



Figura 1: Sessão na Tenda N. S. da Piedade.
Fonte: TRINDADE, 2013.

Em 1924, a Umbanda praticada por Zélio de Moraes era o que podemos chamar de “umbanda de mesa”, com forte inspiração do Espiritismo de Kardec. Esse também foi o principal modelo praticado por mais de duas décadas na Tenda Espírita Mirim. Assim, na primeira metade do século XX, não havia na Tenda os sete graus em tupi-guarani e, muito menos, a gira tal qual a conhecemos hoje! Nos anos de 1920-1930, deu-se a consolidação da Tenda como instituição, que começou tendo como primeira sede uma casa na rua Sotero dos Reis, nº 101, Praça da Bandeira (Rio de Janeiro). Mudou-se, posteriormente, para a rua São Pedro e, depois, para a rua Ceará (hoje avenida Marechal Rondon, nº 597, no bairro São Francisco Xavier), local de sua atual sede, inaugurada em 1942. Mesmo nos dias atuais, custa-nos imaginar o esforço e a energia necessários à

construção de um imponente prédio como o que abriga a Tenda Espírita Mirim, com seu salão de 20 x 50 metros!



Figura 2: Salão da Tenda Espírita Mirim (década de 1940).

Fonte: Acervo da família Figueiredo.

Claro que a construção da sede da Tenda foi parte de um projeto maior conduzido por Mestre Mirim, mas acredito que esse prédio foi importantíssimo para imprimir uma imagem concreta da grandeza da Umbanda diante da sociedade da capital federal na década de 1950, e de nós mesmos, umbandistas, acostumados à marginalidade de nossa própria fé. Além disso, o enorme terreiro serviu para agregar as casas umbandistas em torno de um ideal maior de valorização e crescimento de nossa religião – uma religião brasileira.

Por esse ideal, Caboclo Mirim aboliu de seu culto diversos elementos que estavam intimamente ligados à noção que se tinha das “macumbas” e feitiçarias reinantes na primeira metade do século XX, bem como de outros relacionados ao culto católico e à cultura africana, em especial. Ainda como parte da ruptura com outras religiões, nos terreiros orientados por Caboclo Mirim não se encontravam altares com as imagens católicas, apenas a de Jesus Cristo, situada acima da altura da cabeça

dos médiuns, onde se lia a inscrição “O Médiun Supremo”. Os atabaques foram trocados por enormes tambores (tocados sentados); “toalhas-de-guarda” e as vestes rendadas coloridas, típicas da Bahia, deram lugar aos guarda-pós femininos e aos macacões brancos nos senhores, todos devidamente calçados, sempre sóbrios, como a lembrar a seus médiuns que todos eram apenas operários da fé, ou melhor, “Soldados de Oxalá”, como na letra de um belo hino da Tenda Espírita Mirim. Nenhum ornamento, como guias, colares ou qualquer tipo de ostentação pessoal, era aceito. Antes da abertura dos trabalhos, era difícil para o visitante reconhecer os dirigentes dentre os demais médiuns da Casa. Foi o primeiro passo em busca de uma identidade própria para a Umbanda, objetivando-se dignificar o culto e seus participantes, tendo como base a organização e a disciplina do conjunto do corpo mediúnico da casa umbandista.

Em 1951, um relatório oficial da Câmara de Deputados traçou um perfil dos trabalhos assistenciais prestados pela Tenda Espírita Mirim. O documento afirma que, em sua sede, funcionavam, à época: uma creche para mais de cem crianças; serviço médico, com consultas e tratamentos, com fornecimento de medicamentos aos necessitados; serviço dentário em gabinete próprio, onde o atendimento era feito por três profissionais em diferentes horários; serviço de recreação, que incluía um cinema – exibindo películas como em “qualquer outro cinema desta capital”, funcionando quase que diariamente em auditório na Tenda, com capacidade para duas mil pessoas – e teatro de amadores, encenando no mesmo local uma média de quatro peças por mês, sempre com fins educativos, “incentivando nas novas gerações o gosto e a vocação para a arte teatral, sem nenhuma ajuda e sem se valer da subvenção estabelecida em lei para essa atividade artística salutar”; distribuição de cerca de seis mil “cestas básicas” por ano.

A instituição cresceu tanto nos anos de 1950 que não faltaram projetos que visassem ao engrandecimento da Umbanda. Um deles era o da construção de uma nova sede nacional da Tenda no Planalto Central, no embalo dos debates pela futura mudança da capital do país para Brasília. Havia um pôster afixado na Tenda com um desenho desse projeto, que, se minha